



A CONSTRUÇÃO DA MIRAGEM: a gestão empresarial da cidade e os megaeventos (a Copa do Mundo de 2014 em São Paulo e Curitiba)

Fernanda Keiko Ikuta¹

Faculdades Integradas Espírita em Curitiba

FUTEBOL, TURISMO E INVESTIMENTO PÚBLICO: A CONSTRUÇÃO DA MIRAGEM OU A GOLEADA DAS CONSTRUTORAS²

O Brasil é o país com a maior distância social na América Latina, segundo o documento "O Estado das Cidades do Mundo 2010/2011: Unindo o Urbano Dividido" da ONU-HABITAT (2010), mas como "as diferenças sociais, políticas e econômicas, tão marcantes no dia-a-dia do país diluem-se" quando o assunto é futebol "nada mais lógico do que o país acolher novamente um campeonato mundial, agora em 2014", afinal o "entusiasmo, [e] a capacidade de mobilização [...] que somente a Copa pode trazer ao país" permitirão abordar "de forma nova" os problemas de moradia, saneamento, transporte, educação etc. (PORQUE o Brasil..., <<http://www.copa2014.org.br>>) é o que defende o Sinaenco - Sindicato Nacional da Arquitetura e da Engenharia por meio do site www.copa2014.org.br que é patrocinado por empresas relevantes do setor da construção (Usiminas, Instituto do PVC, Cerâmica Atlas, Atlas Schindler, Lanxess, ArcelorMittal, Companhia Siderúrgica Nacional – CSN e Gerdau) "para estimular e divulgar todas as ações que levem ao sucesso da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil".

Se o ufanismo patriótico é evocado, o entusiasmo e a capacidade de mobilização são, sobretudo, do setor privado que se favorece com a reestruturação urbana financiada, quase sempre, com dinheiro público. Bilhões e bilhões de dólares, para a realização de um megaevento, como a Copa do Mundo de Futebol da FIFA³. "O orgulho nacional é evocado dentro ou fora deles, mas os grandes beneficiários são os construtores. Eles conseguem seu dinheiro e vão embora" (HARVEY, 2010, <<http://forumsocialurbano.wordpress.com>>).

¹ Licenciada, mestre e doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente/São Paulo. Prof^a de Geografia nas Faculdades Integradas Espírita em Curitiba. Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT/Seção Curitiba).

² Este item traz parte das reflexões que apresentamos no blog Curitiba na Copa de 2014... Vamos levar mais um gol?, <<http://copa2014curitiba.wordpress.com>> com o título "Nossa proposta".

³ A Federação Internacional de Futebol Associado.

Quanto aos problemas sociais, experiências anteriores de Jogos Olímpicos, Copas do Mundo de Futebol e Exposições Internacionais, apesar da proclamação de que são “benéficas a todos”, têm demonstrado que as desigualdades sociais são acentuadas nas cidades-sedes. “[...] o modelo de desenvolvimento dos megaeventos como Copas do Mundo e Olimpíadas privilegia apenas grandes empresas, sem levar em conta as necessidades das populações [...] ‘o que existe de mais perverso nos megaeventos é que os investimentos são feitos com dinheiro público, mas os lucros são privados. Sendo assim, o povo paga para que os eventos ocorram. Contudo, quem ganha são as empresas que lucram com toda a estrutura’ (SETTE, 2010, <<http://forumsocialurbano.wordpress.com>>).

A promoção de megaeventos, que tem ocupado lugar de destaque na agenda urbana das metrópoles contemporâneas, faz parte de um modelo de planejamento urbano que prima pela radicalização da realização da cidade enquanto mercadoria a ser vendida no mercado global de cidades. “Para o Brasil, a Copa de 2014 é a oportunidade de o país dar um salto de modernização e apresentar não só sua capacidade de organização, como também força econômica para captar investimentos e os muitos atrativos que podem transformar o país em um dos mais importantes destinos turísticos do mundo a partir de um futuro próximo [...] o evento tem o apelo de uma vitrine capaz de mostrar a milhões de telespectadores de todos os cantos do planeta aspectos que vão muito além de estádios e disputas esportivas” (PORQUE o Brasil, 2010).

Para que a “cidade-mercadoria” alcance o grau de competitividade (e, portanto, também de produtividade) desejado no cenário mundial, a necessidade do consenso se impõe como mais uma estratégia desse tripé que se utiliza do city marketing para convencer o imaginário social de que este modelo de cidade, cujo alcance fica mais próximo quando se aceita o “desafio” de sediar megaeventos, é o único modelo possível e viável.

Segundo o Ministério do Esporte, “além de uma grande festa, a Copa do Mundo no Brasil trará importantes melhorias para a população, sobretudo nas Cidades-Sede dos jogos. Não somente nos estádios de futebol, que ficarão mais modernos, confortáveis e seguros, mas também nos aeroportos, portos, rede hoteleira e transportes públicos, que serão preparados para operar com maior eficiência e rapidez” (COPA 2014..., <www.esporte.gov.br>).

Essa corrida para capacitar as cidades para a produtividade e a competitividade é o cerne do planejamento estratégico: um modelo de planejamento urbano “inspirado em conceitos e técnicas oriundos do planejamento empresarial [cujos defensores acreditam] que as cidades [estão] submetidas às mesmas condições e desafios que as empresas” (VAINER, 2000, p. 76). Vainer (2000, p. 75) expõe que uma ação combinada entre as agências de cooperação, as instituições multilaterais (BIRD, HABITAT) e os consultores internacionais é a principal difusora deste modelo no Brasil e na América Latina.

A realização dos megaeventos esportivos (promotora de um novo monumentalismo arquitetônico que “requalifica” uma parte da cidade às custas de uma higienização social) pode ser entendida ainda, a partir da centralidade que o papel desempenhado pela cultura na produção das cidades ganhou nos últimos anos, conformando uma nova configuração urbana, a cidade-empresa-cultural: duas perspectivas aparentemente contrapostas que hoje se convergem, segundo Otilia Arantes (2000).

No discurso do planejamento estratégico urbano fica evidente a vinculação dos interesses do grande capital nas operações urbanas levadas a cabo nessas celebrações da globalização.

É nesse sentido, que desvelar a geograficidade da luta de classes, e suas transformações e recomposições atuais, tomando o exemplo dos processos descritos, nos parece relevante e necessário. Colocamo-nos neste exercício a partir do enfoque de duas cidades-sede: São Paulo (SP) e Curitiba (PR).

A despeito dos superlativos problemas “urbanos” da metrópole paulistana, as justificativas para a participação de São Paulo na Copa de 2014 são igualmente abundantes: “São Paulo é hoje uma metrópole global. A cidade 24 horas abriga os melhores locais para comer, dormir, comprar, passear e fazer negócios. Hoje com mais de onze milhões de habitantes, São Paulo é a maior cidade do hemisfério sul e a capital dos negócios do Brasil. Por ano recebe cerca de 90 mil eventos, das 160 feiras que acontecem no país, 120 são sediadas em São Paulo. O espaço cultural da cidade também é amplo. Diversos cinemas, museus, centros culturais, teatros e casas de espetáculos fazem de São Paulo um centro e entretenimento” (SÃO PAULO..., <<http://www.copa2014.org.br>>). Os violentos e constantes despejos e deslocamentos forçados da população pobre e marginalizada que vive na área central ou nas áreas-alvos dos promotores das operações urbanas que já vem sendo realizadas na metrópole para efetivá-la como uma “cidade-global” não são considerados ou são relativizados diante da “inexorabilidade” da promoção de São Paulo como a “capital dos negócios, da diversidade cultural e gastronômica” (PREFEITURA de São Paulo..., <www.capital.sp.gov.br>).

As contradições também estão presentes na cidade que é tida como a cidade “que mais prima pelo planejamento urbano” (CURITIBA..., <<http://www.copa2014.org.br>>): Curitiba. A cidade que nos últimos anos vêm ganhando distintos prêmios como o de “cidade inovadora” também acumula o reconhecimento internacional de “cidade mais sustentável do mundo” (prêmio *Globe Award Sustainable City* da *Globe Forum*, da Suécia), capital brasileira de melhor qualidade de vida (ONU, 2001) e ao mesmo tempo a 17ª cidade mais desigual do mundo (Relatório ONU-HABITAT, 2010).

Tendo em vista todo este panorama, é que objetivamos explicitar como a preparação para a Copa de 2014 em São Paulo (SP) e Curitiba (PR), cidades-sedes,

apresenta-se em consonância com o modelo neoliberal de gestão empresarial da cidade, o planejamento estratégico.

Quanto aos aspectos metodológicos vale destacar: os documentos oficiais como fornecedores de dados sobre os projetos e as ações governamentais e privados voltados para a realização da Copa; as notícias midiáticas (impresas e virtuais) como veículos que nos instrumentalizam para nosso debruçar sobre os discursos que formam opinião e legitimam os referidos eventos; o levantamento de outros estudos sobre esta temática e a análise crítica do planejamento estratégico, promotor deste tipo de operação urbana, como ferramentas teóricas essenciais para o desvendar das dimensões territorial, econômica, política, sócio-ambiental e simbólica das conseqüências da Copa de 2014 em São Paulo e em Curitiba.

Estamos investigando um tema que está permeado não apenas pelas conseqüências diretas e indiretas, objetivas e subjetivas da implementação final de um evento que ainda está para acontecer, mas também estamos voltados para a sua fase atual, que é de definição, aprovação e supervisão das ações previstas no Plano Estratégico das Ações do Governo Brasileiro para a realização da Copa.

COPA DO MUNDO E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

[...] o futebol aparece hoje, como nunca, ligado aos interesses das grandes empresas transnacionais, exatamente em momentos em que se fala da crise do Estado-nação e possivelmente se busca através de seleções “nacionais” (na prática financiadas por transnacionais) estabelecer novos mecanismos de identidade nacional de acordo com a globalização e a interdependência crescentes (ROSAS, 1998, tradução nossa).

Tanto a cidade de São Paulo como a de Curitiba têm sido marcadas, nos últimos anos, por gestões públicas que têm tomado um rumo que canaliza recursos públicos para a valorização fundiária e imobiliária em áreas ultraprivilegiadas, em contrapartida com a privação do conjunto das condições básicas de vida de parte considerável dos seus cidadãos. No caso de São Paulo, quase metade dos paulistanos estão sujeitos à intensificação da precarização estrutural do trabalho, da criação de novas precariedades e, portanto, ao aprofundamento do desenvolvimento geográfico desigual. E no caso de Curitiba, a posição de 17º

cidade mais desigual do mundo (Relatório ONU-HABITAT, 2010) é reveladora da dimensão da desigualdade que também atinge essa cidade.

Ambas as cidades são marcadas pela exclusão sócioespacial. Além disso, se encontram em um contexto em que as transformações atuais manifestam uma combinação de mecanismos clássicos de precarização, de exploração e desterritorialização da classe trabalhadora que são potencializados e redefinidos por novas reconfigurações econômicas e políticas sentidas com grande força nas cidades e refletidas no planejamento e gestão urbana.

As novas formatações urbanas do capitalismo atual nos colocam, por um lado, diante da herança de uma formação social capitalista brasileira marcada pelo caráter dependente e subalterno da economia produtora de mercadorias, revelando nossa subsunção aos interesses imperialistas. Do outro lado, hoje, ao tentar adequar-se ao mito das cidades globais (num contexto que amarga as conseqüências do neoliberalismo e da reestruturação produtiva da era da acumulação flexível implantadas aqui no Brasil, guardadas as devidas particularidades) nossa subsunção aos países centrais e a distância entre os que detêm o poder e os que a ele se subordinam, tanto externa como internamente, aprofundam-se.

Está claro que a nova agenda do capitalismo se realiza por meio de uma nova agenda urbana⁴. O discurso sobre a “modernização globalizadora” da cidade elaborado hoje pelos consultores urbanos e pelos poderes públicos municipais é fruto do ideário construído no contexto das novas estratégias para a realização da acumulação. A competitividade urbana passa a ser o nexos central do modo de pensar e planejar a cidade (VAINER, 2000, p. 76).

Nesse sentido, sediar a Copa de 2014 comparece como uma grande oportunidade de resolver a problemática da competitividade urbana no mercado mundial de cidades: “um salto de modernização, de capacidade de organização e força econômica para captar investimentos e se tornar um grande destino turístico” (PORQUE o Brasil, 2010).

Esse megaevento esportivo, tal como as Olimpíadas, tem o formato ideal para que o city marketing possa realizar sua tarefa de lançar uma imagem positiva das cidades-sedes. A partir das formulações teóricas de Carlos Vainer (2000), nos próximos subitens deste trabalho, faremos um paralelo entre o discurso do planejamento estratégico e o discurso que aponta a realização da Copa do Mundo como uma incontestável vantagem para as cidades-sedes. Segundo Vainer (2000, p. 77), “o discurso [do planejamento estratégico] se estrutura basicamente sobre

⁴ A política agrária também segue um modelo neoliberal focado na expansão do agronegócio, na “reforma agrária” de mercado, na produção de alimentos transgênicos ou intoxicados por agrotóxicos. O capital, afinal, não se limita por fronteiras administrativas ou dicotomias entre campo e cidade.

a paradoxal articulação de três analogias constitutivas: a cidade é uma mercadoria, a cidade é uma empresa, a cidade é uma pátria”. Logo, ser cidade-sede de uma Copa significa, dentro desta perspectiva, a oportunidade de levar à cabo esse projeto mercadológico de cidade baseado na competitividade, na produtividade e no consenso (“ou subordinação dos fins à lógica do mercado”). Em outras palavras, ser cidade-sede é realizar plenamente o ser cidade-mercadoria, cidade-empresa e cidade-pátria: “único meio eficaz para fazer frente às novas condições impostas pela globalização às cidades e aos poderes locais” acreditam os defensores do planejamento estratégico conforme nos explica Vainer (2000, p.78).

CIDADE-SEDE É CIDADE-MERCADORIA

A cidade é uma mercadoria, uma cidade-objeto de luxo, a ser vendida e a Copa do Mundo “[...] tem o apelo de uma vitrine capaz de mostrar a milhões de telespectadores de todos os cantos do planeta aspectos que vão muito além de estádios e disputas esportivas” (PORQUE o Brasil, 2010). Está explícito aqui a intencionalidade de que a promoção da cidade-mercadoria (de luxo) via a Copa da Fifa exponha na vitrine de cidades não apenas os estádios e disputas esportivas, mas todos os demais atributos valorizados pela elite de potenciais compradores (capital internacional, visitantes e usuários solváveis) das cidades-sedes.

Grande parte dos “insumos” valorizados pelo capital transnacional estão contemplados nos preparativos para a Copa. Em consonância com a perspectiva do mercado de cidades, além do investimento na infraestrutura dos estádios (parte dos complexos de lazer e entretenimento), os aeroportos e outras obras de mobilidade são o centro das atenções, junto a rede hoteleira e a transformação de áreas consideradas obsoletas em espaços propícios em receber atividades tais como os espaços para convenções e feiras, as oficinas de informação e assessoramento a investidores e empresários, setor de serviços em geral, torres de comunicação e comércio, segurança e o estímulo ao turismo.

Para São Paulo, o Ministério do Esporte declara que:

Com o objetivo de preparar a cidade para a realização da Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo de Futebol em 2014, foram pactuadas ações entre o Governo Federal, o Governo do Estado de São Paulo, a Prefeitura de São Paulo e o São Paulo Futebol Clube, dono do estádio do Morumbi.

As obras previstas compreendem a reforma do estádio, incluindo a revitalização e a implantação de equipamentos urbanos no entorno da arena. A cidade receberá também uma nova linha de metrô – a Linha Ouro – que, segundo o Governo do Estado de São Paulo, terá 23 km de extensão e fará a ligação do aeroporto de Congonhas com a rede de metrô, de trens suburbanos e com o estádio do Morumbi. A linha será construída no sistema de monotrilho, com as composições correndo sobre uma estrutura suspensa e elevada em relação ao solo (MINISTÉRIO, 2010c, p. 1).

Já para a cidade de Curitiba os planos são:

Além da reforma e da ampliação do estádio, estão previstas melhorias no sistema de transporte com a construção de corredores de BRT (*Bus Rapid Transport*), obras na Rodoferroviária, no Terminal Santa Cândida, no Corredor Metropolitano, no Corredor Marechal Floriano e em vias de integração Radial Metropolitanas. O sistema de transporte também deverá ganhar um sistema integrado de monitoramento para a sua gestão (MINISTÉRIO, 2010b, p. 1).

O valor das ações previstas para São Paulo são de R\$ 3.415.000.000,00 e para Curitiba são de R\$ 630.600.000,00. Serão gastos mais de R\$ 6 bilhões em obras de reforma e ampliação de portos e aeroportos das cidades-sedes da Copa. São R\$ 72,80 milhões para o aeroporto de Curitiba e R\$ 1.219,4 milhões para o aeroporto de São Paulo.

Operações de crédito para financiar os projetos de infraestrutura e a alienação de imóveis funcionais do INSS são também algumas das medidas que respaldam a preparação dos atributos que as cidades-sedes devem dispor para a realização da Copa.

Segundo Carlos Vainer (2000, p. 80), no plano estratégico a abertura para o exterior é claramente seletiva: “não queremos visitantes e usuários em geral, e muito menos imigrantes pobres, expulsos dos campos ou de outros países igualmente pobres; queremos visitantes e usuários solventes”. E para a atração desses usuários solventes não se mede esforços ou dinheiro público inclusive para esconder a pobreza local:

Um exemplo: o estádio Green Point da Ciudad del Cabo teve que ser construído de novo – a um custo de quase 60 milhões de euros – porque a FIFA considerou que o campo que a cidade já tinha ficava muito perto dos bairros marginais. ‘Um bilhão de espectadores não podem ver pobreza a esta escala’, foi escrito em um dos seus informes (BARRULL, 2010, p 1 – 2).

Não há dúvidas quanto aos esforços para que a imagem da cidade seja apresentada envolta de positividade. Destacamos abaixo, dois benefícios, segundo o Ministério do Esporte, provenientes da Copa para as cidades brasileiras:

Visibilidade internacional:

- Mudança na imagem brasileira no exterior:
 - Fortalecimento da imagem de país alegre e receptivo
 - Adição de novos atributos à imagem brasileira: competência, organização e desenvolvimento
- Maior exposição de produtos e serviços, sobretudo daqueles nos quais o Brasil tenha vantagens competitivas
- Implementação e divulgação de tecnologias verdes (combustíveis, construção, ...)

Turismo:

- Maior aproveitamento do potencial turístico do Brasil (número de turistas hoje é semelhante ao da Argentina e 1/4 do México)
- Divulgação de atrações turísticas regionais e ampliação do turismo interno, sobretudo de destinos hoje pouco explorados
- Salto de qualidade dos serviços ligados ao setor (hotelaria, alimentação, taxis, ...) (MINISTÉRIO, 2010a, p. 10).

O *city marketing* brasileiro da Copa de 2014 ainda lança uma novidade no mercado mundial de cidades: a Copa de 2014 deverá ser a primeira “Copa sustentável”, segundo declaração da técnica Zelinda Rosário (2010) do Instituto

de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) que vem dialogando diretamente com a FIFA.

Os prazos de pagamento e o custo do crédito dos bancos oficiais para reforma e ampliação do parque hoteleiro serão maiores quanto mais sustentável, social e ambientalmente forem os projetos", disse Barretto. Entre os critérios a serem considerados pelo Banco Nacional e Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estão a proporção entre a área total e a área construída, o uso de energia renovável, o tratamento dos resíduos, a reutilização da água (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 1).

Se o selo "verde" vende, negociemos mais essa imagem. É a associação entre competitividade e sustentabilidade, entre "cidade empreendedora" e "cidade sustentável", imagens e discursos já correntes em Curitiba (SÁNCHEZ, 2003, p. 410).

"O Brasil tem a chance de fazer a maior ação coordenada de *Green building* do mundo, e isso traria não apenas benefícios ambientais, como também seria excelente para a imagem do país", argumenta o arquiteto Vicente de Castro Mello, lembrando que também as empresas que vierem a associar seu nome à empreitada sairiam beneficiadas (PRADA, 2009, p.1).

CIDADE-SEDE É CIDADE-EMPRESA

A cidade, no planejamento estratégico, ganha também uma forma ativa de sujeito: a cidade é uma empresa. Nesse sentido, "agir empresarialmente significa, antes de mais nada, ter como horizonte o mercado, tomar decisões a partir das informações e expectativas geradas no e pelo mercado" (VAINER, 2000, p. 86). E o mercado também é o horizonte dos que se interessam por implementar a Copa do Mundo de Futebol. Mas a intervenção estatal aqui não deixa de estar presente, afinal, a minimização angariada no neoliberalismo diz respeito apenas ao social. A presença do Estado junto aos interesses privados do capitalismo é cada vez mais intensa, basta observarmos as crescentes e volumosas parcerias

público-privadas. Essa é a essência deste tipo de planejamento: “O Plano Estratégico é seguramente a formalização mais acabada da cooperação público-privada” (Borja *apud* VAINER, 2000, p. 87-88). E o que mostram os dados da Copa a respeito? Mostram o dinheiro público sendo empregado em interesses privados: “78% dos investimentos em infraestrutura da Copa de 2014 serão provenientes do setor público” (MINISTÉRIO, 2010a, p. 8).

O setor público entra com o financiamento, porém quem assume a gestão das economias locais são os setores privados. O desenvolvimento da “indústria do esporte” e o seu alinhamento aos interesses mercantis reforçam a perspectiva do empresariamento do esporte e, da mesma maneira, do empresariamento da cidade.

Segundo Bruno Gawryszewski:

existe uma “indústria do esporte” que movimenta cifras cada vez maiores e associa-se a diversos segmentos do mercado capitalista, elaborando os megaeventos esportivos como seu produto mais desenvolvido. “A grande transformação do campo esportivo pode ser localizada na década de 1970. Ao mesmo tempo em que o capital passava por uma crise com a diminuição de suas taxas de lucro e orquestrava uma reestruturação produtiva da economia, a Federação Internacional de Futebol [Fifa] e o Comitê Olímpico Internacional [COI] foram assumidos por gestões que os alinharam plenamente aos interesses mercantis. A partir daí abriu-se um modelo de organização esportiva em que agentes privados controlam a organização dos torneios e a gestão de equipes através de uma lógica empresarial”, conta (LEAL, 2010, p. 2).

Além do grande montante de investimento direto de dinheiro público no setor privado, as concessões à grande empresa do megaevento em questão, a Fifa, são ilimitadas.

O governo federal encaminhou o projeto de isenção fiscal da Federação Internacional de Futebol (Fifa) para o Congresso. A proposta fará o país deixar de arrecadar, segundo novos números apresentados, R\$ 900 milhões

em impostos federais. [...] O governo também decidiu regulamentar a isenção, por parte dos municípios e do DF, de pagamento do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS) pela entidade (COELHO, 2010, p.1).

As facilidades para que os negócios da Copa se realizem não param por aí. A redução das exigências para licença ambiental (e a Copa sustentável?), a desapropriação de imóveis e a possibilidade de contratar empresas em regime emergencial estão entre as licitações a serem flexibilizadas “para que haja agilidade” na execução das obras destinadas tanto à Copa de 2014 como às Olimpíadas de 2016⁵. Ágil, assim deve ser a cidade-sede-empresa para assegurar sua imagem de cidade produtiva. O setor imobiliário agradece, pois assim, utiliza volumosas cifras os cofres públicos sem a necessidade de divulgar o custo real desses projetos e obras!

Todos esses são exemplos claros de que a analogia cidade-empresa não se restringe a uma proposta gerencial, administrativa, mas de legitimação “da apropriação direta dos instrumentos de poder público por grupos empresariais privados” (VAINER, 2000, p. 89).

E na cidade-empresa que deve alcançar resultados e ser competitiva, produtiva, ágil, flexível não cabe a participação de segmentos da sociedade a fim de exercitar a democracia local. Paulistanos e curitibanos foram consultados para que decidissem se queriam ou não sediar a Copa de 2014? A fiscalização e as decisões a serem tomadas daqui para frente estarão abertas para a participação efetiva da sociedade civil? As experiências anteriores não nos permitem ficar muito otimistas nesse sentido. Além disso, como veremos no item a seguir, o consenso, a eliminação do conflito também fazem parte modelo de planejamento e gestão empresarial da cidade.

CIDADE-SEDE É CIDADE-PÁTRIA

A cidade-sede requer ainda mais um atributo para que sua imagem seja contundente e capaz de bem posicioná-la no competitivo mercado mundial de cidades: ela precisa ser pacífica, apolítica, ela precisa ser cidade-pátria.

A “negação radical da cidade enquanto espaço político – enquanto polis” (VAINER, 2000, p. 91) se consagra na necessidade de que a cidade esteja coesa, unificada

⁵ Para maiores detalhes consultar:
<<http://www.copa2014.org.br/noticias/4453/LICITACOES+SERAO+FLEXIBILIZADAS+PARA+COPA+E+OLIMPIADA.html>>.

em torno ao projeto do plano estratégico de patriotismo de cidade. É o banimento da política da cidade, para que, em paz social, sejam “asseguradas as condições [...] estáveis e permanentes da produtividade e da competitividade” requeridas no pacto de subordinação do poder público às exigências de seus parceiros privados.

O papel do futebol na sociedade é bastante favorável para a promoção dessa pacificação planejada. Para ROSAS (1998, p.1, tradução nossa), o futebol: 1. “opera como um mecanismo de identidade nacional”, e aponta “o fato de que existam mais seleções nacionais dentro da FIFA que países nos organismos internacionais corrobora que o futebol é a continuação da política por outros meios”; 2. “possibilita a manipulação da sociedade no sentido de afiançar o status quo, dissuadindo a mudança social”; e 3. “Tem exercido como instrumento de certas elites com o fim de mitigar o descontentamento popular”.

E é justamente durante os megaeventos esportivos como a Copa que essas características do futebol se ressaltam. O ufanismo nacional é mobilizado de forma intensa e com declarado propósito de dissolver as diferenças sociais, políticas e econômicas, como pode ser ver nas declarações do texto “PORQUE O BRASIL” na página <<http://www.copa2014.org.br>>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento da elaboração dos projetos, das parcerias que vão sendo estabelecidas, das licitações, da fiscalização, a projeção midiática do evento e a análise de estudos sobre megaeventos já realizados no Brasil (Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro) e em outros países (Jogos Olímpicos e Expo de 1992 em Barcelona, Espanha), nos últimos anos, nos permitem fazer algumas considerações parciais sobre as tendências e as perspectivas da execução e as consequências sociais, econômicas e políticas desse tipo de evento.

Três importantes sinalizações são apontadas por Mascarenhas (2009): os megaeventos esportivos estão inseridos num modelo neoliberal de gestão empresarial da cidade; a organização desses eventos “tornou-se neste início de século uma meta explícita de política pública no Brasil”; e a “incorporação do esporte (enquanto campo portador de sentidos e significados) na veiculação de uma imagem positiva da cidade que organiza tais eventos”.

Um dos resultados mais representativos das reestruturações urbanas voltadas para a implementação dos megaeventos é a acentuação das desigualdades sociais até mesmo porque o planejamento e a gestão estratégica intensificam a valorização capitalista do espaço urbano (a gentrificação é um dos processos acionados por esse modelo).

Como legado, a cidade receberá um estádio multiuso, será promovida internacionalmente, e será consolidada como novo destino para futuros eventos; a população terá elevada a autoestima, aumentará a segurança e a mobilidade; serão incentivados esportes; e se ampliará a oferta de emprego e renda, ocorrerá maior integração social, desenvolvimento social e econômico (ROSÁRIO, 2010).

Se o grande capital e grupos solventes são beneficiados com os preparativos e realização da Copa do Mundo de Futebol, será que há algum legado real para a maioria da população dos países e cidades-sedes? A recente experiência da Copa de 2010 na África do Sul exhibe elevados prejuízos sociais.

Assegura-se que até 0,5% do nosso crescimento em 2010 estará relacionado com a Copa do Mundo. O problema vem quando se procura quem são os beneficiários deste tipo de desenvolvimento”. É que a África do Sul já é, desde o ano passado, o país mais desigual do planeta segundo o índice de Gini, que calcula a distribuição da renda. Em uma sociedade tão dual é preciso estar muito atento na hora de saber quem sai ganhando dependendo de cada enfoque do crescimento econômico. “A Copa do Mundo aprofunda a inserção da África do Sul no sistema globalizado, um modelo que beneficia os mais ricos e prejudica os mais pobres –continua Bond– e isto sem contar com o perigo de padecer uma explosão da dívida. Se calcula que uma boa parte da culpa da atual situação grega se deve à conta dos Jogos Olímpicos de 2004”. E a África do Sul já sai com uma dívida externa de 6 bilhões de euros (BARRULL, 2010, p. 2, tradução nossa).

Altas dívidas, despejos forçados, realocações não negociadas, desalojamentos sumários... enfim, uma série de desrespeitos aos direitos humanos consta das práticas de organizações de Copas e Olimpíadas anteriores levantadas em relatório da ONU.

Experiências passadas mostram que projetos de reurbanização adotados para a preparação de eventos resultaram em violações extensivas de direitos humanos, em especial o direito à moradia”, alertou Rolnick em seu documento [...] apresentado [...] a governos de todo o mundo.

Expulsões, encarecimento de moradia, falta de alternativas e pressão sobre os mais pobres, que acabam empurrados para as periferias, têm sido algumas das marcas mais características das Copas e Jogos Olímpicos. Para a brasileira, os benefícios econômicos desses eventos não são distribuídos de forma adequada à população e o legado “é longe de ser positivo”. “Velhas disparidades parecem se exacerbar diante de um processo de regeneração e embelezamento das cidades”, afirma. “As consequências de longo prazo de megaeventos incluem fatos preocupantes (CHADE, 2010, p. 1).

O relatório da ONU explicita os impactos negativos desses megaeventos esportivos na habitação. Os números nos ajudam a dimensionar a situação e perceber que os projetos de reurbanização adotados para a preparação desses eventos estão em profunda consonância com os interesses privados independente dos prejuízos sociais causados:

1988 - Olimpíada de Seul

Em Seul, 15% da população foi violentamente expulsa e 48 mil edifícios foram demolidos em 1988 durante a preparação dos Jogos Olímpicos. A especulação imobiliária aumentou em mais de 20% o valor dos apartamentos e em mais de 27% o de terrenos 1992 - Olimpíada de Barcelona Duzentas famílias foram despejadas para abrir caminho para a construção de novas rotatórias e outras adaptações urbanísticas antes do Jogos Olímpicos de 1992. A especulação imobiliária em torno dos Jogos resultou num aumento de 131% no preço dos imóveis.

1994 - Copa do Mundo dos Estados Unidos

Em Dallas, cerca de 300 pessoas foram expulsas de suas residências por causa da preparação para a Copa do Mundo 1994.

1996 - Olimpíada de Atlanta

Em Atlanta, em torno de 15 mil residentes de baixa renda foram expulsos da cidade por causa dos Jogos. Cerca de 1.200 unidades de habitação para os pobres foram destruídas em nome dos Jogos.

2000 - Olimpíada de Sydney

Em Sydney, os relatórios indicam que cerca de 6 mil pessoas foram desalojadas na preparação para os Jogos Olímpicos de 2000. A especulação imobiliária em torno dos Jogos elevou em 50% o preço dos imóveis.

2008 - Olimpíada de Pequim

Projeto envolveu realocação de moradores em larga escala. Foram relatadas denúncias sobre despejos em massa, por vezes conduzidos por homens não identificados. Cerca de 1,5 milhão de pessoas foram deslocadas.

2010 - Copa da África do Sul

Mais de 20 mil moradores foram removidos e transferidos para áreas empobrecidas da cidade. O ministro da Habitação observou que os planos de construir milhares de casas de baixo custo poderiam ser afetados por mudanças nas demandas do orçamento na preparação para a Copa de 2010.

2010 – Jogos da Commonwealth de Nova Deli

Em Nova Deli, na Índia, 35 mil famílias foram expulsas das terras públicas na preparação para os Jogos.

2010 - Olimpíada de Inverno de Vancouver

Em Vancouver, mais de 1.400 unidades habitacionais de baixa renda foram perdidas em relação à especulação imobiliária gerada pelos Jogos Olímpicos de Inverno de 2010.

2012 - Olimpíada de Londres

Na capital da Inglaterra, sede dos Jogos de 2012, que antecede os do Rio, o preço médio dos imóveis no

entorno olímpico aumentou mais de 3%, enquanto no restante da cidade os valores caíram aproximadamente 0,2 por cento.

2016 - Olimpíada do Rio

No Rio de Janeiro, diversos assentamentos informais estão sob ameaça de despejo, por causa da construção de instalações esportivas para a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 (CHADE, 2010, p. 2-3).

A partir do quadro exposto fica a pergunta: é possível administrar o conflito entre as demandas prioritárias da grande maioria da população que historicamente sofre com a precariedade do conjunto de suas condições de vida e que vê os mecanismos de exploração se renovarem e acentuarem a pobreza a que são submetidas e as demandas de investimentos para os eventos? A sociedade mais uma vez ficará sem conhecer os projetos e de fora das deliberações?

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília B. F. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: MARICATO, Ermínia; ARANTES, Otília; VAINER, Carlos. A cidade do pensamento único. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 11 – 74.

BARRULL, Joan Canela. África do Sul: 6 bilhões de euros de gastos no país mais desigual do mundo. In: Diagonal Web, 08 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.diagonalperiodico.net/Sudafrica-6-000-millones-de-euros.html>>. Acesso em: 11 jul.2010.

BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda E. Antes e depois do Pan-americano Rio 2007: o jogo continua? In: Anais... Encontro Nacional da Anpur, 13., Florianópolis, 2009.

CHADE, Jamil. Olimpíada e Copa trazem prejuízo social. In: O Estado de São Paulo, 05 mar. 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100305/not_imp519833,0.php>. Acesso em: 24 mai. 2010.

COELHO, Mário. Receita renuncia a R\$ 900 milhões para a Fifa. In: Congresso Em Foco. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br>. Acesso em: 29 mai. 2010.

COPA 2014, Disponível em: < www.esporte.gov.br>. Acesso em: 4 abr. 2010
CURITIBA, Disponível em: <<http://www.copa2014.org.br>>. Acesso em: 2 abr. 2010

HARVEY, David. Investimento do grande capital traz problemas para cidades. 2010, Disponível em: <<http://forumsocialurbano.wordpress.com>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

O ESTADO DAS CIDADES DO MUNDO 2010/2011: Unindo o Urbano Dividido. Relatório da ONU-HABITAT, 2010.

LEAL, Leila. Copa e Olimpíada: cidades injustas. In: Brasil de Fato.com.br, 11 jun. 2010 <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/nacional/copa-e-olimpiada-naproducao-de-cidades-mais-injustas>. Acesso em: 23 jun. 2010.

LICITAÇÕES SERÃO FLEXIBILIZADAS PARA COPA E OLIMPÍADA. Agência Senado, 08/07/2010.

LOPÉZ, Pere. Maneras de vivir en la metrópoli. Orden urbano y resistencias en La Barcelona Olímpica. In: MORALES, A. P.; SALABERT, J.; LÓPEZ, P. EL DESUBRIMIENTO del 92: la otra cara des espectáculo. Barcelona: Virus, 1992.

MASCARENHAS, Gilmar. Território, cidadania e gestão urbana nos mega-eventos esportivos: experiências e perspectivas para o Brasil. In: Anais... Encontro Nacional da Anpur, 13., Florianópolis, 2009.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Impactos econômicos da realização da Copa 2014 no Brasil. Brasília, 31 de março de 2010a. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/assessoriaEspecialFutebol/copa2014/estudoSobreImpactosEconomicosCopaMundo2014.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2010.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Portal da transparência: Curitiba. Brasília, s/d 2010b. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014/curitiba>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Portal da transparência: São Paulo. Brasília, s/d 2010c. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014/sao-paulo>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Copa 2014: verde, amarela e sustentável. Brasília, 10 jul. 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20100710.html>. Acesso em: 12 jul. 2010.

PORQUE O BRASIL? Disponível em: <<http://www.copa2014.org.br>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

PRADA, Rodrigo. Lançamento da Copa Verde. In: Portal 2014, 25 mar. 2009. Disponível em: <http://www.copa2014.org.br/noticias/94/LANCAMENTO+DA+COPA+VERDE.html> Acesso em: 20 abr. 2010.

PREFEITURA DE SÃO PAULO, Disponível em: <www.capital.sp.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2010. RELATÓRIO ONU-HABITAT, 2010.

ROSÁRIO, Zelinda. Impactos metropolitanos da Copa de 2014 em Curitiba e Região Metropolitana. Disponível em: <http://copa2014curitiba.wordpress.com/category/relato-de-mesa-redonda>. Acesso em: 12 jul. 2010. (Relato de mesa redonda).

ROSAS, María Cristina. Geopolítica del fútbol. In: Etcétera, 18 jun. 1998. Disponível em: <<http://www.etcetera.com.mx/articulo.php?articulo=3947>>. Acesso em: 28 jun. 2010.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. Chapecó: Argos, 2003. SÃO PAULO, Disponível em: <<http://www.copa2014.org.br>>. Acesso em: 2 abr. 2010.

SETTE, João. Investimento público vira lucro privado em megaevento. 2010, Disponível em: <<http://forumsocialurbano.wordpress.com>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, O; VAINER, C.; MARICATO, E. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 75 – 104.

Contato com o autor: ferikuta@gmail.com

Recebido em: 08/12/2011

Aprovado em: 05/04/2012